



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em  
história 2

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-907-3

DOI 10.22533/at.ed.073211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!  
Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PROFISSÃO CONTÁBIL E PODERES PÚBLICOS: CONTABILIDADE DO SETOR PÚBLICO E PROFISSIONALIZAÇÃO (1914-1926)	
Adelino Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0732119031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
INDÚSTRIA, TERRITÓRIO E CULTURA: UM ESTUDO DE CASO DO EMPRESARIADO NIPO-BRASILEIRO	
Adriano Amaro de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0732119032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
VINCULAÇÕES ENTRE ESTADOS E NACIONALISMO, E SEUS CONCEITOS NOS SÉCULOS XIX E XX	
Rafael Bassinello Paes de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0732119033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
“EXCELLENTÍSSIMO CONSELHO”: ECONOMIA E SOCIEDADE EM SERGIPE DEL REY NAS ATAS DO CONSELHO DE GOVERNO DA PROVÍNCIA (1824-1831)	
Damilis Silveira Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0732119034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
O FENÔMENO DO TRÁFICO E PROIBIÇÃO DE ENTORPECENTES NO BRASIL DE 1890 A 2020	
Steven Adrian dos Santos	
João Victor Mendes de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0732119035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
“INFLUÊNCIAS POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICA, ABSORVIDAS DURANTE O PENSAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA OPÇÃO BRASILEIRA E IMPERIALISTA”	
Luis Claudio Reginato Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0732119036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ALTERIDADE E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS	
Natalia Fioravanso Vieira Brizola	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0732119037</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO CANADENSE NA REDE INTELECTUAL INDIGENISTA TECIDA EM TORNO DA REVISTA <i>AMÉRICA INDÍGENA</i>	

(1942-1960)

Natally Vieira Dias

**DOI 10.22533/at.ed.0732119038**

**CAPÍTULO 9..... 81**

A CONFORMAÇÃO DA ESCASSEZ DE ÁGUA NA BACIA DO RIO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Paulo José da Fonseca Pires

Elaine Prochnow Pires

**DOI 10.22533/at.ed.0732119039**

**CAPÍTULO 10..... 95**

NOTAS SOBRE O CINEMA BRASILEIRO DA “HEGEMONIA NEOLIBERAL” - 1992-2015

Peterson Soares Pessôa

**DOI 10.22533/at.ed.07321190310**

**CAPÍTULO 11 ..... 106**

“DAVID GRIFFITH’S MASTERPIECE” E OS AFRO-AMERICANOS: UMA ANÁLISE ACERCA DA RECEPÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NORTE-AMERICANA DA OBRA CINEMATOGRAFICA ‘O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO’

Carlos Vinícius da Silva

Larieli Ceron de Lima

Marcos Alves de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.07321190311**

**CAPÍTULO 12..... 116**

COMPREENDENDO O REINADO DE RAMESSÉS III PARA ALÉM DE MEDINET HABU: BREVE ANÁLISE DE TRÊS DOCUMENTOS ESSENCIAIS

Arthur Rodrigues Fabrício

**DOI 10.22533/at.ed.07321190312**

**CAPÍTULO 13..... 134**

A QUESTÃO DA EXPLICAÇÃO EM HISTÓRIA: A CRÍTICA DE WILLIAM DRAY AO MODELO NOMOLÓGICO-DEDUTIVO DE CARL HEMPEL

Jacquelyn da Silva Souza

Sara Albieri

**DOI 10.22533/at.ed.07321190313**

**CAPÍTULO 14..... 141**

A HISTÓRIA SERIAL NOS ESTUDOS SOBRE A MORTE: REFLEXÕES ACERCA DOS TESTAMENTOS PAULISTAS (1592-1639)

Victor Mauric

**DOI 10.22533/at.ed.07321190314**

**CAPÍTULO 15..... 149**

UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A PRESENÇA LUSITANA NO LESTE ASIÁTICO DO SÉCULO XVI

Marcus da Silva Dorneles

DOI 10.22533/at.ed.07321190315

**CAPÍTULO 16..... 157**

MAPEANDO O UNIVERSO DE BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO E GÊNERO LITERÁRIO

Vinicius Tivo Soares

Jaime Estevão dos Reis

Giovanni Bruno Alves

DOI 10.22533/at.ed.07321190316

**CAPÍTULO 17..... 168**

A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Aline Ferreira Antunes

Flávia Cristina Paniago

DOI 10.22533/at.ed.07321190317

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 182**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 183**

# CAPÍTULO 16

## MAPEANDO O UNIVERSO DE BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO E GÊNERO LITERÁRIO

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 12/02/2021

### Vinicius Tivo Soares

Universidade Estadual de Maringá – LEM/UEM  
<http://lattes.cnpq.br/7130554344338651>

### Jaime Estevão dos Reis

Universidade Estadual de Maringá – PPH/LEM/  
UEM.  
Maringá-Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/0512479141984737>

### Giovanni Bruno Alves

Universidade Estadual de Maringá – LEM/UEM  
Maringá-Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/4934310244132600>

**RESUMO:** Este texto tem como objetivo apresentar os resultados iniciais de uma pesquisa visando estudar o poema épico Beowulf a partir de duas problemáticas específicas: a questão histórico-geográfica e o gênero literário. Essa pesquisa foi realizada no Laboratório de Estudos Medievais, vinculado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Beowulf, Pesquisa, Idade Média, Fonte Histórica.

### MAPPING OUT BEOWULF'S UNIVERSE: HISTORICAL-GEOGRAPHICAL CONTEXT AND LITERARY GENDER

**ABSTRACT:** The goal of this essay is to present the preliminary thoughts that emerged from a research about the Beowulf epic poem, in which it was analysed through two main conceptual problems: the historical-geographical question and the poem's literary genre. The research was done in the Laboratório de Estudos Medievais, which is subject to the History Department of the Universidade Estadual de Maringá.

**KEYWORDS:** Beowulf, Research, Middle Ages, Historical Source.

### INTRODUÇÃO

O poema épico anglo-saxão *Beowulf*, escrito entre os séculos IX e XI, encontra-se no Museu Britânico e integra o Manuscrito Cotton MS Vitellius A XV, *Beowulf* (ff 132r–201v), antiga coleção de Sir. Robert Cotton, doada para o museu pelo seu neto Sir John Cotton em 1702<sup>1</sup>. Possui 3182 versos em sua forma original, escrito em inglês arcaico (ou, dependendo do argumento de origem, anglo-saxão)<sup>2</sup>, o texto apresenta os feitos heroicos de Beowulf, príncipe *Geat*<sup>3</sup>, no sul da Escandinávia, regiões

1. <http://www.bl.uk/reshelp/findhelpprestype/manuscripts/cottonmss/cottonmss.html>

2. O termo inglês antigo, ou "old english" é usado quando se considera que a história do período pós 1066 tem alguma relação com a do seu período anterior. Já o termo "anglo-saxão" parte da ideia que houve uma separação da história da Inglaterra "antes" e "depois" de Guilherme da Normandia (SANDERS, 2005).

3. A tradução do termo "Geat" para Godo, Geta, Juto ou qualquer outra possibilidade acaba encaixando-o em uma das inúmeras teorias criadas para explicar o poema. Tendo isso em mente o termo será deixado em sua forma original até que seja necessária uma explicação aprofundada.



da Dinamarca e Suécia, tendo sua primeira tradução para uma língua moderna em 1815, por Thorkelin.

O poema divide-se em duas partes, cada parte com subdivisões. O poema relata, na primeira parte, a saída de Beowulf de sua terra natal para atender a um pedido de ajuda de Hrothgar, rei dos Daneses, que há 12 invernos sofria ataques do monstro Grendel. Na sequência, há o relato da luta de Beowulf com a Mãe de Grendel e seu retorno para o salão real de Hrothgar, Heorot, onde recebe presentes do rei, conforme os costumes da sociedade nórdica (BEOWULF, versos 1-2199)

No início da segunda parte, o poema registra um avanço de 50 anos no tempo, em que o narrador relata, brevemente, alguns acontecimentos referentes a este período. Em seguida, Beowulf é apresentado como um grande rei *Geat*, governando sabiamente por cinquenta invernos (BEOWULF, versos 2209-2212). Por último, há o registro do ataque de um dragão ao reino de Beowulf, o que o força a entrar em um último combate que resulta em sua morte, juntamente com a do dragão (BEOWULF, versos 2200-3182)

O manuscrito é um dos cinco textos que compõem o Nowell Codex, copiado inicialmente por Lawrence Nowell (c. 1515 – c. 1571), estudioso da língua inglesa anglo-saxã, e responsável pela primeira organização de um dicionário da língua anglo-saxã, chamado *Vocabularium Saxonicum*, nunca publicado (MARCKWARDT, 1948, p. 21). Não se tem conhecimento, no entanto, de como o manuscrito foi parar em suas mãos. Por ter sido um estudioso, existe a grande possibilidade de tê-lo comprado de algum mosteiro ou biblioteca e adicionado à sua biblioteca particular. Não se descarta a hipótese de que Nowell tenha tentado estudar o manuscrito, devido a uma rasura na primeira página (fólio 132r no Cotton Vitellius), na qual se percebe a escrita da “palavra *feared* (“aterrorizado” no inglês do século XVI), sobre o termo *egsode* (MITCHELL & ROBINSON, 1998, p. 4 apud MEDEIROS, 2006, p. 18) numa possível tentativa de traduzi-lo.

Em uma primeira análise a história presente no poema aparenta tratar-se apenas da história heroica de um príncipe e sua luta contra diversos monstros. No entanto, a partir de uma leitura mais atenta percebe-se inúmeras possibilidades de análise e de estudos.

#### Segundo Robert. T. Farrell

Beowulf é um trabalho de história heroica, isto é, um poema em que fatos e cronologia são subordinados ao interesse do poeta em ações heroicas e seu valor em representar a ética de uma civilização heroica. Um poeta escrevendo neste modo não ignora o fato histórico absoluto, isto é, a história como a conhecemos. Ele prefere vê-la como menos importante do que outras considerações (...) (FARRELL, 1972, p. 229)<sup>4</sup>.

---

4. Beowulf is a work of heroic history, i. e. a poem in which facts and chronology are subservient to the poet's interest in heroic deeds and their value in representing the ethics of an heroic civilization. A poet writing in this mode does not disregard absolute historical fact, history, that is, as we know it. He rather sees it as less important than other considerations (FARRELL, 1972, p. 229)

Compreender a narrativa implica na necessidade de se estudar o contexto de produção do manuscrito, assim como o sentido que o gênero épico tinha para a sociedade da época. Desta forma, o diálogo com a historiografia relativa aos poemas épicos torna-se um instrumento necessário ao estudo de *Beowulf*, especialmente, quando o objetivo é fazer um mapeamento inicial da fonte.

Considerado como um dos marcos iniciais da literatura medieval e com forte influência na literatura inglesa, o poema apresenta as características do mundo pagão e germânico, uma “[...] cultura mista, uma cultura que regia prontamente a um mundo ancestral e que também reconhecia a relevância do heroísmo primitivo para uma sociedade cristã.” (SANDERS, 2006, p. 37).

Trata-se de perceber o idealismo aristocrático desejado por uma sociedade, a anglo-saxã em desenvolvimento, através da sua percepção: o conteúdo da narrativa permite compreender a “[...] mentalidade coletiva dominante [...] fruto de heranças remotas, de crenças, medos, inquietações antigas” (BRAUDEL, 1989, p. 42).

## DESENVOLVIMENTO DA POESIA ÉPICA INGLESA

A poesia épica inglesa se desenvolveu junto com o processo de transformação da sociedade pagã anglo-saxônica, e o enraizamento do cristianismo no pensamento e na vida da população como um todo, principalmente, com a chegada de Agostinho de Cantuária<sup>5</sup> com a missão gregoriana e o início da produção de registros escritos (YORKE, 1997).

A difusão do latim possibilitou a realização de registros de todos os tipos, documentos oficiais, obras históricas e literaturas épicas, o que garantiu a preservação de informações sobre a sociedade da época e seu contexto. Fontes clássicas da história dos reinos anglo-saxões como a *História eclesiástica do povo inglês*, de Beda (c. 673 – 735), data deste período, pós Agostinho.

No entanto, devido aos conflitos resultantes da Era Viking<sup>6</sup> e de outros fatores específicos de cada região, como a destruição de um mosteiro ou a falta de interesse por parte da nobreza na produção de manuscritos, houve uma interrupção da atividade intelectual. Além disso, bibliotecas foram destruídas “e as escolas monásticas ficaram desertas” (SANDERS, 2006, p. 34).

A escrita como forma de recuperar a história da sociedade anglo-saxã voltou a ganhar destaque com o governo de Alfredo, o Grande<sup>7</sup> (848-899), especialmente durante

5. Agostinho de Cantuária (começo do século V – 604) foi um monge beneditino que se tornou o primeiro arcebispo de Cantuária em 597. É considerado o “Apóstolo dos ingleses” e o fundador da Igreja da Inglaterra.

6. Utiliza-se o termo “Era Viking” como referência ao final do século VIII até meados do século XI, momento em que a ilha britânica passou por uma sequência de invasões e de missões de pilhagem praticadas pelos nórdicos da região da Escandinávia. O contexto marca uma profunda mudança no cotidiano, no comportamento, na cultura e nos costumes da população anglo-saxônica (WHITELOCK, 1952, p. 23-24).

7. Alfredo, o Grande (849 – 899) foi rei de Wessex de 871 até sua morte, ganhou um enorme destaque devido suas ações de retomada da Inglaterra contra os invasores vikings. Realizou enormes modificações na estrutura política da sociedade, assim como uma retomada cultural e econômica que levou a um enorme desenvolvimento na região das ilhas Britânicas.

o período de retomada das Ilhas Britânicas dos dinamarqueses. Já a partir do século XI observa-se um aumento no número de manuscritos produzidos, período este, chamado por alguns historiadores de Renascimento Cultural.

É neste contexto de desenvolvimento da escrita e de mudanças na estrutura da sociedade anglo-saxã que o poema *Beowulf* foi escrito. Presume-se que seu conteúdo seja de um período muito anterior devido a presença de personagens escandinavos dos séculos V e VI no poema. (ALEXANDER, 1973, p. 8). O poema teria passado de geração a geração até que se tornou conhecido o suficiente e escrito, provavelmente, na Ânglia Ocidental.

Considera-se que o manuscrito existente é uma possível cópia do texto original, no qual se estipula que o manuscrito foi copiado entre os séculos X-XI, no ápice do desenvolvimento poético literário anglo-saxão. Segundo Andrew Sanders, a

[...] inclusão nestas antologias do século X indica não só a sobrevivência, a aceitabilidade e consistência de uma tradição mais antiga; ela sugere, também, amplamente, quão diversificada, complexa e sofisticada era a poesia do período anglo-saxónico (SANDERS, 2005, p.35)

Sua escrita devia ser de fácil assimilação. A poesia do tempo de Beda “seguiu regras de dicção e de versificação facilmente reconhecidas pelo público” (SANDERS, 2005, p. 35). Seu conteúdo pode ser chamado de fantástico, já que o enredo envolve animais grotescos e mitológicos (como um troll/ogro e um dragão), mas ao mesmo tempo não se afasta da realidade, pois revela aspectos da sociedade. Seu contexto é de mudança, a existência de uma cultura pagã em simbiose com cristianismo recém-instalado.

Jorge Luís Borges (2006) comenta a importância de se entender o conflito cultural, e principalmente religioso, no qual o poema foi produzido. Um grande conflito entre deuses pagãos, neste caso, os deuses germânicos, e as concepções cristãs. Permaneciam as lembranças dos deuses antigos, mas seu culto não era permitido. O copista não poderia, devido às crenças e costumes do período, falar diretamente dos deuses pagãos, mas também não poderia louvar diretamente a figura de Cristo ou da Virgem (BORGERS, 2006, p. 14).

A construção gramatical também demonstra um começo que pode ter sido herdado dos antigos *scop*, uma categoria de poeta profissional que declamava seus versos em festivais em salões reais, senhorias ou para uma nobreza, utilizando-se da figura de linguagem denominada *kenning*<sup>8</sup>.

Para isso, o poeta

(...) se vale de vários artifícios estilísticos como, por exemplo, epítetos, expressões idiomáticas típicas do anglo-saxão, sinônimos, hipônimos, lítotes, aliterações, etc. Associadas a esses elementos, o poema apresenta também o emprego recorrente das *kennings* (OLIVEIRA, 2010, p. 101).

---

8. “Uma espécie de metáfora primitiva, muito usada pelos poetas do período anglo-saxónico da literatura inglesa” (GALVÃO, 1992, p. 27).

Não se pode esquecer que a partir do século IX, com o desenvolvimento da literatura, outros manuscritos de suma importância também foram escritos ou copiados de documentos mais antigos, porém, perdidos. Pode-se citar poemas épicos como *The Battle of Maldon* (A batalha de Maldon), *Widsith*, *The Wanderer* (O Vagabundo/Andarilho) e até mesmo um poema chamado “*Christ and Satan*” em que a figura de Jesus Cristo é retratado como um guerreiro que combate as formas do mal (SANDERS, 2005). Tais poemas permitiam que a sociedade falasse de um passado ainda vivo entre ela, como a crença e o imaginário acerca dos monstros. Prosas e outros manuscritos também ganham seu destaque de produção, como a “*Anglo-Saxon Chronicle*” (Crônica Anglo-Saxã) e a *Ecclesiastical History of the English People* (História Eclesiástica do povo Inglês).

Além de ter sido produzida num período em que a literatura inglesa estava começando a se desenvolver, diversas informações e fatos contados no poema *Beowulf* estão presentes em outras obras escandinavas, tal fato alimenta diversas teorias de sua origem. Dentre as mais importantes pode-se citar a *Skjoldunga Saga*, cujo texto se encontra em latim num resumo escrito por Arngrimur Jónsson no século XVI; a *Ynglinga Saga*, presente na importantíssima *Heimskringla* (c. 1223-35) de Snorri Sturluson, *Gesta Danorum*, escrita por Saxo Grammaticus, entre muitos outros documentos produzidos nas mais diversas regiões da Europa Ocidental.

## ESTUDOS ACERCA DO POEMA

A compreensão dessa longa trajetória de estudos só foi possível graças à pesquisa inicial que desenvolvemos no Laboratório de Estudos Medievais, vinculado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Conforme afirmamos anteriormente, o poema *Beowulf* é estudado há mais de 200 anos. A primeira tentativa de um estudo do poema *Beowulf* surgiu no século XVIII, com a cópia do manuscrito realizada pelo historiador islandês Grímur Jónsson Thorkelin (1752-1829), que transcreveu o conteúdo do documento em papel resultando em dois manuscritos (conhecidos como Thorkelin A e B), e publicando-os em 1815. A partir da iniciativa de Thorkelin, novos estudos e traduções foram realizados, pois graças a ele, partes do manuscrito que se deterioraram devido ao incêndio na *Ashburnham House*<sup>9</sup> puderam ser estudadas.

As primeiras pesquisas foram esclarecedoras, pois, a partir delas, uma investigação mais aprofundada pôde ser realizada, o que contribui para a difusão do poema. O aumento dos estudos sobre o poema foi tamanho que Tolkien (1936), chama esse movimento de *Beowulfiana*<sup>10</sup>. A obra passou a ser considerada fonte relevante para o estudo dos povos anglo-saxônicos, germânicos e/ou nórdicos.

9. Para mais informações sobre o incêndio da *Ashburn House* o site da British Library organizou uma seção explicativa sobre o acontecimento. Disponível em: <http://www.bl.uk/reshelp/findhelprestype/manuscripts/cottonmss/cottonmss.html>  
10. Algo como “tradição de estudar o poema”, Medeiros usa a ideia de “[...] tradição Beowulfiana [...]” (MEDEIROS, 2006, p. 11).

Michael Alexander (1973), muito tempo depois da dita fase *Beowulfiana*, destaca que:

Beowulf é o primeiro grande poema em inglês a sobreviver ao processo de transição das histórias orais para literatura: é o começo da literatura inglesa. (...) É, então, um documento de importante interesse sobre questões filosóficas, culturais e históricas – assim como literária – e “vale a pena estudar”<sup>11</sup> (ALEXANDER, 1973, p. 9-10, tradução nossa).

Como mencionado, o artigo de Tolkien (1936), o qual Michael Alexander (1973) faz referência, é considerado um marco nos estudos e pesquisas relacionados ao poema, por chamar a atenção para o fato de que uma de suas partes mais importantes, tem sido negligenciada pelos historiadores: a poética e o seu conteúdo simbólico<sup>12</sup>. A partir deste momento, proliferam obras que procuram destacar questões “escondidas”, e que acabam por desvendar novas informações relevantes ao estudo do poema, especialmente em relação à sua origem.

## TEORIAS DE ORIGEM DO MANUSCRITO HOJE EXISTENTE

Assim como as inúmeras teorias que procuram compreender a origem do conteúdo do poema, existe a problemática de se descobrir a origem do manuscrito hoje existente. “Como quase todos os poemas ingleses antigos, como os épicos da *Canção de Rolando* e a *Canção dos Nibelungos*, o *Beowulf* chegou até nós anonimamente<sup>13</sup>” (KLAEBER, 1948, p. civ, tradução nossa). Além de não se ter uma autoria específica, também não se é possível ter uma certeza da região em que ele foi produzido, principalmente pela dificuldade de se estudar o *inglês antigo*<sup>14</sup>. De acordo com Albert C. Baugh e Tomas Cable (2002):

(...) não era uma linguagem totalmente uniforme. Não só existem diferenças entre a linguagem dos registros mais antigos (cerca de 700 d. C) e a dos textos literários posteriores, mas a linguagem diferia de uma localidade para outra. Podemos distinguir quatro dialetos nos tempos do inglês antigo: o da Nortúmbria, o da Mércia, o de Wessex e o de Kent<sup>15</sup> (BAUGH; CABLE, 2002, p. 47).

11. Beowulf is the first large poem in English to survive this transplanting from an oral to a literary mode: it is the beginning of English literature. (...) It is therefore a document of prime philological, cultural and historical – as well as literary – interest, and is eminently “worth studying” (ALEXANDER, 1973, p. 9-10).

12. É necessário destacar que algumas obras, como de Chambers (1921) e Klaeber (1948), já destacavam a importância do conteúdo “escondido” por trás da poesia presente no texto, porém não possuíam um grande impacto nos pesquisadores da época. Tolkien, ao publicar o artigo, acaba revivendo e trazendo para o holofote obras que já traziam esses questionamentos, como a de Chambers que a destaca como “(...) o ensaio mais significativo sobre o poema que eu conheço (...)” (TOLKIEN, 1936, p. 109)

13. “Like nearly all of the Old English poems, like the epics of the *Chanson de Roland* and the *Nibelungelied*, the Beowulf has come down to us anonymously” (CHAMBERS, 1921, p. civ).

14. O termo anglo-saxão é ocasionalmente encontrado nos tempos do inglês antigo e é frequentemente empregado hoje para designar o período mais antigo do inglês.

15. “[...] was not an entirely uniform language. Not only are there differences between the language of the earliest written records (about A.D. 700) and that of the later literary texts, but the language differed somewhat from one locality to another. We can distinguish four dialects in Old English times: Northumbrian, Mercian, West Saxon, and Kentish.” (BAUGH, 2002, p. 47).

Essa dificuldade do próprio inglês antigo representa o problema em dar uma origem regional ao poema. Sua forma fonética poderia ser diferente na mesma região, ser escrita de forma diferente de *mosteiro* para *mosteiro*, palavras com significados diferentes, enfim, a própria gramática não é o suficiente para a defesa de um local como a origem do manuscrito. Para responder a essa pergunta, os pesquisadores buscaram, ao longo do tempo, pistas em outras fontes literárias, que permitissem atribuir o manuscrito a uma região específica, seja considerando o conteúdo do poema ou a própria questão gramatical do manuscrito. Portanto, a produção do manuscrito e do poema em sua forma escrita, pode ter ocorrido em momentos diferentes.

Sobre essa questão, é possível destacar dois trabalhos que apresentaram importantes resultados e abriram portas para estudos específicos das possíveis regiões de origem do manuscrito. Primeiro, é importante destacar a obra organizada por Collin Chase (1981) referente a algumas conferências realizadas em Toronto entre os anos de 1978 – 1981, nas quais foram discutidas várias teorias sobre a elaboração do manuscrito.

O autor demonstra, como o debate de quase um século pode trazer vários questionamentos: seria um texto que oferece uma visão idealizada de uma cultura passada num período cristão? Uma nostalgia a uma aristocracia cristã anglo-saxã? Um aristocrata que ainda possuía costumes e tradições pagãs? Enfim, é possível se fazer inúmeras perguntas ao texto e suas respostas acabam trazendo mais dúvidas do que respostas, pois levam a novas interpretações do poema como um todo.

Ao se definir quando, onde e por quem o manuscrito foi produzido, acaba-se definindo inúmeras representações dentro do próprio texto. Suas informações passam a ter significância numa grande escala de fontes e informações sobre os reinos e personagens históricos dos anglo-saxões.

O primeiro texto da coletânea, de autoria do próprio Chase, *Opinions on the date of Beowulf*, 1815-1980, faz uma retomada histórica do processo que levou à criação de inúmeras teorias ao longo dos anos em que o poema foi estudado. O capítulo acaba servindo como uma introdução geral para o livro no qual os autores apresentam suas teorias e buscam responder às mesmas.

O segundo texto que merece destaque é a de Kevin Kierman (1997), responsável pelo livro que discute a fundo essas teorias sobre a elaboração do manuscrito<sup>16</sup>, e responsável pela ideia mais aceita<sup>17</sup>, que também faz parte do livro de Colin Chase. O autor argumenta que o manuscrito teria sido produzido durante o governo de Cnut, entre os anos de seu reinado, 1016 – 1035.

---

16. Referente a *produção* do manuscrito *existente*, não do poema como um todo. Essa questão ainda está em discussão: seria o poema produzido no mesmo período que o manuscrito existente ou ele possuiria um manuscrito anterior ao que se tem acesso. A teoria de Sam Newton (1997), por exemplo, traz à tona essa discussão.

17. O site oficial da British Library, local em que o manuscrito se encontra, apresenta o argumento de Kierman como o “mais aceito” pelos pesquisadores que procuram a resposta para essa pergunta, mas destaca a discussão como uma questão aberta. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/beowulf>

No entanto, estas teorias ainda são passíveis de discussão, pois, assim como as teorias que procuram explicar as origens do conteúdo do poema, nenhuma pode ser considerada como definitiva. Os argumentos de Colin Chase, mencionados acima, demonstram essa dificuldade historiográfica. Vejamos algumas teses acerca da origem do poema.

As primeiras argumentações ligadas à origem do texto sempre buscaram uma origem Escandinava, visto que os fatos ocorridos no poema se passam nas terras do norte. Isso fica claro quanto ao período de produção, entre os séculos VI e VIII, momento em que o povo anglo-saxão ainda tinha memórias muito vivas de seu passado germânico-pagão. Havia, também, a argumentação de que o manuscrito seria, na realidade, a junção de várias histórias separadas, tendo como exemplo Bernhard ten Brink<sup>18</sup>, que via na obra uma duplicação:

(...) a luta do dragão teria existido em duas versões, uma originada na Bernícia e combinada com uma história das lutas contra trolls por volta de 690, e, a outra, vinda de Deira e permanecendo separada até 710. O mais perto que ten Brink aproximou para chegar a uma data de composição foi a sua postulação de um redator final no decorrer do século VIII<sup>19</sup> (CHASE, 1981, p. 4, tradução nossa).

No entanto, com a difusão dos estudos, cada vez mais se procurava respostas complexas. Estabeleceram, como fez John Earle<sup>20</sup> em 1892, relações do conteúdo do poema com outras fontes que permitiam descrever uma possível data da elaboração do poema, ao relacionar com o contexto do período. Neste caso, o autor procurou comprovar a relação entre o personagem Offa, rei lendário Anglo, presente na genealogia dos reis da Mércia de Offa (757 – 796), além da relação de que os “nomes Garmund, Offa e Eomær projetam o pedigree de reis da Mércia<sup>21</sup>” (CHASE, 1981, p. 5).

Entretanto, o problema continuaria em relação a uma questão teórica: “Por que um poeta *inglês* que possuía um público *inglês* teria enchido seu poema com tantas histórias escandinavas, que provavelmente não seriam familiares na Inglaterra?”<sup>22</sup> (CHASE, 1981, p. 6, tradução nossa). Aqui surge uma nova corrente de respostas, procurando argumentar que o poema seria de produção de um povo anglo-saxão que teria sofrido, de alguma forma, influência do povo escandinavo. A resposta, portanto, identificaria o poema com o contexto dos séculos IX e X, quando as invasões vikings/dinamarquesas teriam influenciado

18. Bernhard Egidius Konrad ten Brink (1841 - 1892) foi um importante filologista alemão, responsável por estudos de literaturas germânicas.

19. “(...) the dragon fight had existed in two versions, one originating in Bernicia and combining with the story of the troll fights around 690, and the other coming from Deira and remaining separated until 710. The closest the Brink came to arriving at a date of composition was his postulation of a final redactor in the course of the eight century” (CHASE, 1981, p. 4)

20. John Earle (1824–1903), historiador britânico especializado em literatura inglesa e língua anglo-saxônica.

21. “(...) names Garmund, Offa, e Eomær shadow forth the pedigree of the Mercian Kings” (CHASE, 1981, p. 5).

22. “Why would an English poet composing for an English audience have filled his poem with so much ancient Scandinavian lore, unlikely to have been familiar in England?” (CHASE, 1981, p. 6)

a cultura escrita e criado uma necessidade de educar o povo recém-conquistado (CHASE, 1981, p. 7).

Com Dorothy Whitelock como uma das representantes dessa teoria, o argumento continuou expressivo na historiografia que via essa influência viking como algo significativo na produção do poema. No entanto, as argumentações contrárias não se limitavam a esse período. Kevin Kierman (1997) defende, como já destacado, a criação do poema no mesmo período em que seu manuscrito, hoje existente, poderia ter sido produzido: o início do século XI. Ele é contra a ideia de que o manuscrito seria a reprodução de uma cópia originária de outros períodos, como grande parte da historiografia procurava argumentar. Seu principal argumento baseia-se no fato dele ter estudado o manuscrito MS, não uma “transcrição” realizada por alguém, como grande parte dos pesquisadores (KIERMAN, 1997, p. 3). O estudo deste manuscrito possibilitaria uma compreensão muito maior do próprio poema, visto suas especificidades paleológicas que eram bloqueadas devido à qualidade das fotografias tiradas do manuscrito. Ferramentas tecnológicas, “[...] em particular, a fotografia eletrônica e o processamento digital de imagens, nos dão alguma esperança legítima para futuras descobertas neste manuscrito<sup>23</sup>” (KIERMAN, 1997, p. 306).

Outra teoria que também ganha destaque vincula-se a um personagem importante para a historiografia anglo-saxônica, devido seu impacto na formação da característica da sociedade “Inglesa”: Alfredo, o Grande. Elton Medeiros (2006) comenta que o momento em que Wessex, no final do século IX e início do X, apresenta características favoráveis ao desenvolvimento de um poema épico por ser o período [...] da reconquista dos territórios dominados pelos escandinavos e surgimento, propriamente dito, de um reino da Inglaterra sob a hegemonia de Wessex” (MEDEIROS, 2006, p. 39).

Sam Newton, autor do livro *The origins of Beowulf and the pre-Viking kingdom of East Anglia*, publicado em 1993, traz outra teoria que acaba por juntar um possível manuscrito inicial, hoje perdido, e à criação de um novo, atribuído ao século X, mas que seria uma cópia direta do antigo. O autor busca características da Ânglia Oriental do século VIII que permitem compreender como um poema como *Beowulf* poderia ter sido produzido em um período pré-Viking, assim como os argumentos dos primeiros historiadores. Seu estudo procura relacionar, em mínimos detalhes, como o poema pode ser visto em outras fontes, e também aproveita para explorar a arqueologia como fornecedora de registros históricos que endossam essa argumentação, uma vez que, em sua opinião, foi uma das questões abandonadas e pouco tratadas na conferência de Toronto de Chase (NEWTON, 1993, p. ix).

---

23. “[...] in particular electronic photography and digital image-processing, give us some legitimate hope for future discoveries in this manuscript (KIERMAN, 1997, p. 306).



## CONCLUSÃO

Neste breve texto sobre o poema épico Beowulf, procuramos discutir algumas características ligadas ao estudo do manuscrito, dando destaque para o contexto histórico-geográfico, e como os historiadores, os quais visamos enfatizar suas diferentes opiniões, analisaram o conteúdo presente na narrativa, assim como as informações concomitantes a possível produção do documento, o que implica em explicações diferentes do *porquê* o poema poderia ser escrito.

Com isso, demonstramos alguns dos desafios que o historiador enfrenta ao se deparar com uma fonte medieval: compreender o contexto no qual se insere o documento, neste caso, o poema Beowulf, para, em segundo momento buscar, através do diálogo historiográfico, a análise de sua narrativa e a resposta à problemática que se pretende elucidar.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michael. **Beowulf**: a verse translation by Michael Alexander, London: Penguin Classics, 1973.

GALVÃO, Ary Gonzalez. **Beowulf**: *Tradução, introdução e notas de Ary Gonzalez Galvão*. São Paulo, Editora Hucitec, 1992.

KLAEBER, Frederick, **Beowulf and the fight at Finnsburg**, London: D. C. HEATH & CO., PUBLISHERS, 1948.

NEWTON, Sam, **The Origin of Beowulf and the pre-Viking kingdom of East Anglia**. U. K: St Edmundsbury Press, 1993.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos Estudos Literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

BAUGH, Albert C; CABLE, Thomas. **The History of the English Language**. London: Routledge, 2002.

BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHAMBERS, Raymond Wilson. **Beowulf an introduction to the study of the Poem with a discussion of the stories of Offa and Finn**. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

CHASE, Collin. **The Dating of Beowulf**. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

EARL. James W. The Swedish Wars in Beowulf, **The Journal of English and Germanic Philology**, v.114, No. 1, 2015.

FARREL, R, T, **Beowulf**: Swedes and Geats, London: University College London, 1972.

KIERMAN, Kevin, **Beowulf and the Beowulf manuscript**. USA: University of Michigan Press, 1997.

MARCKWARDT, Albert H. The Sources of Laurence Nowell's "Vocabularium Saxonicum", **Studies in Philology**, Vol. 45, No. 1 Jan., 1948.

MEDEIROS, Elton O. S. **O rei, o guerreiro e o herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico**. São Paulo, 140p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, João Bittercourt de, **Paganismo e Cristianismo no Poema Beowulf**, Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

SANDERS, Andrew, **Historia da Literatura Inglesa**, São Paulo: Editora Verbo, 2005.

TOLKIEN, J. J. R, **Beowulf: The monsters and the Critics** in: HEANEY, Saemus, **BEOWULF: A New Verse Translation**, New York: W. W. Norton & Company, 2000.

\_\_\_\_\_. **Beowulf: uma tradução comentada**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2015.

WHITELOCK, Dorothy. **The Beginnings of English Society**. Baltimore: Penguin Books, 1962.

YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. London: Routledge, 2003.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72

### B

Beowulf 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167

### C

Cinema 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cocanha 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

### E

Economia 12, 14, 15, 20, 39, 42, 44, 45, 56, 57, 59, 60, 84, 86, 92, 96, 97, 104, 105, 169, 172, 173

Egito 116, 117, 121, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132

Entorpecentes 46, 48, 49, 53

Escassez de Água 81, 90

### G

Governo da Província 39, 44

### H

Hegemonia Neoliberal 95

História 1, 10, 12, 14, 28, 37, 39, 44, 45, 53, 56, 62, 71, 79, 81, 82, 93, 103, 106, 114, 115, 116, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 149, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 167, 168, 180, 182

História Ambiental 81, 82, 93

História Serial 141, 142

### I

Idade Média 157, 168, 169, 172, 173, 175, 180, 181

Identidade Nacional 51, 80, 142

Imperialista 33, 56, 57, 61

Indígenas 74, 77, 78, 79, 84

### M

Migração 14, 27, 90, 95, 108, 110, 114

Modelo Nomológico-Dedutivo 134, 137, 138, 139

Morte 75, 117, 124, 125, 126, 128, 131, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 158, 159

## **N**

Nacionalismo 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 61, 142




## **P**

Presença Lusitana 149, 150, 151


## **T**

Testamentos 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Tráfico 46, 48, 49, 50, 51, 54, 55

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# **Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2**